

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

DJENIFFER NOGUEIRA

**METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA:
UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL E NECESSÁRIA**

**CHAPECÓ
2022**

DJENIFFER NOGUEIRA

**METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA:
UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL E NECESSÁRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Odair Neitzel

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Nogueira, Djeniffer
Metodologia do Ensino de Filosofia. Uma discussão
possível e necessária. / Djeniffer Nogueira. -- 2022.
42 f.

Orientador: Doutor Odair Neitzel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2022.

I. Neitzel, Odair, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

DJENIFFER NOGUEIRA

METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA:
UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL E NECESSÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em
Filosofia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odair Neitzel
Orientador

Prof. Dr. Ediovani Gaboardi
Avaliador

Prof. Dr. Elsio José Cora
Avaliador

Dedico este trabalho ao processo contínuo do
filosofar, ao qual exprime-se em potência e
fundamento para o existir e está
intrinsecamente ligado ao meu ser.

AGRADECIMENTOS

Este projeto, desenvolveu-se através de inúmeras pessoas e histórias que antecedem minha própria existência, isso é o fruto de um processo que me constitui enquanto ser, ao qual, é o meu fundamento. Junto da Filosofia encontro alento para os momentos em que me faltaram inspiração, e junto a prática docente vejo o brilho necessário para prosseguir.

Ao longo do percurso, muitas foram as situações que definiram essa experiência, da mesma maneira que muitas pessoas foram fundamentais para o meu desenvolvimento, aqui agradeço aos meus professores e professoras, familiares, amigos e amigas, estudantes pelo qual tive a honra de ministrar aulas, colegas de trabalho e desconhecidos que mesmo sem saber, mantiveram-me firme e no caminho acadêmico. Porém, existe a base pela qual tudo pôde crescer. A essa base é a quem agradeço inteiramente.

A mulher da minha vida, que me constituiu enquanto ser e principalmente enquanto mulher. A você, mãe Ivanete, honro a coragem de encarar a árdua e solitária tarefa da maternidade de maneira ímpar. Honro suas batalhas, seus sacrifícios, suas anulações em prol da minha validação, mas principalmente seu amor, ao qual sempre me manteve esperançosa e forte.

Ao recordar da nossa história, (e sim, é a nossa, pois você me inunda todos os dias com a nossa maior riqueza. temos uma a outra, e isso basta), vem a tona um turbilhão de memórias e lembranças das quais jamais esquecerei-me, memórias que me afirmam a tua integridade, garra e determinação para conquistar com muito suor uma vida digna e respeitosa. A essa vida que tenho, eu agradeço, a você, mãe. Dedico tudo que sou e o que construí a ti, pois você é meu exemplo de mulher nesse mundo.

Ao meu companheiro de vida, agradeço inteiramente pelo zelo, companheirismo e doação. Ao teu lado, William, a vida é mais leve e tranquila. Sou grata pela tua força, amor e por sua dedicação para com nosso relacionamento. Agradeço por não me deixar desistir, mesmo quando tudo parecia perdido, o teu incentivo e o teu cuidado são essenciais para a minha jornada... você é a chave mestra para o meu filosofar.

O meu imenso agradecimento a você, professor e orientador Odair. A ti, serei sempre grata pelo incentivo nos momentos em que não me senti capaz. Obrigada, por sua dedicação, esforço e por acreditar que é possível fazer filosofia todos os dias de nossa vida. Você é inspiração de empatia, esforço e sabedoria.

Agradeço ainda, de maneira especial, ao professor e coordenador de estágio Ediovani, você, mesmo sem saber, foi sinônimo de motivação e força, seus apontamentos,

considerações e diálogos foram fundamentais para o desenvolvimento das ideias aqui contidas.

Ademais, agradeço ao professor Rogério, por sua dedicação e por acreditar em mim.

Ao professor Juliano por ter despertado em mim a paixão pela filosofia, foi através das suas aulas que me encontrei.

Professor Flávio, obrigada pelos apontamentos em cada ensaio corrigido, suas considerações fazem parte da minha jornada junto a filosofia.

Ao professor Newton, agradeço por tornar as aulas alegres e divertidas, muitas vezes foram essas aulas que motivaram seus estudantes a continuar.

Ao professor Clóvis, agradeço imensamente sua doação e entrega nas aulas ministradas, você inspira a minha docência.

Professor Paulo, agradeço pela leveza que ministrou as aulas e sua forma de conduzi-las, foram essenciais para minha formação.

Ao professor Elsio, obrigada por todo auxílio e palavras de motivação ao longo do curso.

Obrigada professor Neditso, por descomplicar a Filosofia e demonstrar de maneira clara a sua importância.

Agradeço a professora Luciana, que foi a força que eu precisava para finalizar esse projeto, você é inspiração!

Obrigada, as amigadas que a faculdade me proporcionou, (e aqui, incluo todos que estiveram comigo durante essa trajetória) cada café, cada riso, cada prosa, foram o combustível desse contínuo filosofar.

Ao mais, agradeço imensamente Ana Laura, pelo companheirismo, pela nossa amizade e incentivo.

Agradeço de maneira eterna a força, coragem e a motivação que você, Natália, emana.

Sou grata, a você Bruna, por ser e estar presente, agradeço por sua amizade plena.

Gratidão, Carini, por ser amizade, encorajamento e sororidade.

Obrigada por ser família e cuidado, Emanuéli.

A você, Méury, agradeço por ser minha motivação, o meu raio de sol.

Agradeço, Airton, por ser família e lealdade.

Sou grata, Vanderléia, pelo seu apoio e incentivo.

Por fim, agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul, por proporcionar a mim e a todos os estudantes um ensino público, gratuito e de extrema qualidade. Graças a essa estrutura, e tantas outras, posso acreditar e defender que a educação transforma vidas!

Com carinho, Djeniffer.

“Mas se em toda parte, os homens tivessem os mesmos sentimentos desse pequeno número, se viessem a ser verdadeiramente tal qual a natureza quer que eles sejam, sem repressão, sem censura, *amantes da sabedoria*, regozijando-se com o bem porque é o bem e considerando que o bem moral é o único bem... então as cidades estariam repletas de felicidade, livres de toda causa de aflição e de medo, repletas de tudo que constitui a alegria e o prazer espiritual, de modo que em nenhum momento estaria privada de vida alegre e todo o ciclo do ano seria *uma festa*”.

Filo de Alexandria

RESUMO

Quando se fala em Filosofia, qual a principal ideia acerca da compreensão de seu ensino? Seria de fato necessário o debate acerca da metodologia desta disciplina? É compreensível as múltiplas perspectivas acerca de tais questionamentos, porém, se tratando do ensino dessa disciplina junto ao Ensino Médio, entende-se que tal debate seja necessário e urgente. Considerando o contexto histórico acerca do ensino de Filosofia no Brasil e as mudanças no currículo escolar ocasionadas pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em paralelo ao Novo Ensino Médio, dá-se enfoque para discussões sobre o papel da disciplina de Filosofia junto a esse currículo, bem como aos estudantes. Desta maneira, exprime-se enquanto objetivo deste trabalho, desenvolver a análise dos conceitos trabalhados por Pierre Hadot em relação aos denominados Exercícios Espirituais, como método para compreensão e desenvolvimento de uma Filosofia voltada para o exercício de si, ou seja, o exercício do indivíduo para compreensão de si mesmo. De fato, a Filosofia junto ao currículo do Novo Ensino Médio sofreu impactos, e deve ser debatida mediante tais mudanças, para que cumpra com seu objetivo maior, de desenvolver e ser impulso para a construção do pensamento crítico e reflexivo filosófico. Ademais, é válido ressaltar que tais apontamentos, são de suma importância para defesa e manutenção da Filosofia junto ao Ensino Médio, e por consequência, a valorização de tal disciplina.

Palavra-chave: Docência; Pierre Hadot; Filosofia de vida.

ABSTRACT

When talking about Philosophy, what is the main idea about the understanding of its teaching? Is a debate about the methodology of this subject needed? The multiple perspectives on such questions are understandable, but this debate is needed and urgent regarding teaching philosophy in Secondary School. Considering the historical context of Philosophy teaching in Brazil and the changes in the school curriculum caused by the new Common National Curricular Base (BNCC) in parallel to the New Secondary School, the focus is on discussions about Philosophy's role in this curriculum, as well as to the students. Thus, this work aims to develop an analysis of the concepts wielded by Pierre Hadot in relation to the Spiritual Exercises as a method to understand and develop a Philosophy focused on the exercise of the self, *i.e.*, an individual's exercise to understand themselves. In fact, Philosophy in the New Secondary School curriculum suffered impacts and has to be discussed concerning such changes so that its primary goal can be fulfilled: to develop and be an impulse for the construction of critical and reflective philosophical thinking. Moreover, it is worth mentioning that such assertions are of utmost importance for the defense and maintenance of Philosophy in Secondary School and, consequently, the recognition of such subject.

Key-words: Teaching; Pierre Hadot; Philosophy of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 METODOLOGIA	15
1.1 Revisão Bibliográfica	16
1.2 Objeto de Pesquisa	18
1.3 Problema da Pesquisa	19
1.4 Pergunta da Pesquisa	20
1.5 Especificamente	20
1.6 Objetivo Geral	20
1.8 Objetivos Específicos	21
1.9 Justificação	21
1.10 Quadro Teórico	22
2 RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA	23
3 O QUE É A METODOLOGIA E COMO PENSÁ-LA NO ENSINO DA FILOSOFIA?	32
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Junto ao campo educacional, é notória a busca e a problematização de métodos e processos didáticos que instituem e formam o desenvolvimento da educação e do processo do ensinar. O termo metodologia está atrelado a inúmeras teses, dissertações, artigos e demais pesquisas relacionadas ao debate educacional. Tais pesquisas e desenvolvimentos são imprescindíveis para o crescimento e evolução do campo educacional, e mais precisamente, o campo do ensino de Filosofia.

A questão que permeia tais metodologias atualmente, estão sendo pouco debatidas junto ao meio acadêmico. Esse tema, porém, foi objeto de reflexão de diversos filósofos, que instituíram uma defesa sólida acerca do ensino de Filosofia. Conforme Aspís & Gallo (2009, p. 17), para Immanuel Kant, a filosofia seria um saber que nunca estaria completo, uma vez que estaria sempre em movimento para ser capturado e ensinado. Kant (1983, p. 407) exprime o ideal de que o filosofar precisa ser ativo, ou seja, exercitado, estando além da reprodução do que pensaram filósofos ao longo da história.

Já para Georg Wilhelm Friedrich Hegel, não seria possível exercitar o filosofar se não houvessem recursos para repassar a apropriação daquilo que havia sido construído ao longo da história. Outra ideia, defendida por Gilles Deleuze, é de que seria possível encontrar junto ao contexto histórico da Filosofia uma perspectiva para efetuar a retomada de teorias e ideias desenvolvidas pelos filósofos e, assim, desenvolver novos conceitos, através da ressignificação dos problemas filosóficos que as pessoas vivem atualmente (ASPIS & GALLO, 2009 p. 55).

Assim como esses filósofos nomeados, muitos outros filósofos no percurso histórico do desenvolvimento da Filosofia se ocuparam em defender o ideal de metodologia ou de uma prática de ensino para junto do campo “Ensino de Filosofia”, e esses ideais constituem diferentes compreensões sobre de que maneira, o ensino de Filosofia, se tornaria não apenas uma prática, mas um verdadeiro processo de filosofar. Essa é a concepção de filosofia que encontramos reverberando nas investigações de Pierre Hadot, ao qual defenderá a ideia de uma filosofia como prática de vida, filosofia essa voltada para a compreensão do ser e das coisas que o cercam.

Atrelada a perspectiva de Filosofia como uma prática de vida, aprofundaremos o debate sobre o ensino de filosofia junto à filosofia de Hadot. Esta perspectiva encontra sustentação principalmente nas análises e debates em torno da figura de Sócrates, filósofo ateniense que marcou profundamente o pensamento antigo e toda a história da filosofia.

Sócrates é considerado o pai da filosofia, e ficou conhecido através da maiêutica, método de inquirir os seus interlocutores. Na abordagem deste filósofo, a maneira de fazer filosofia consistirá, basicamente, em seu método conhecido como o “método socrático”.

Através de tais reflexões acerca de um método de ensino junto a Filosofia, e da sua importância não somente no Ensino Médio, mas também em todo o decorrer da vida humana, serão desenvolvidos debates acerca da mudança de currículo a partir da nova Base Nacional Comum Curricular e ao Novo Ensino Médio, as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas e trabalhadas nas salas de aulas.

Aqui, vale ressaltar outras mudanças ocasionadas junto ao currículo, que ocorreram de forma significativa, tendo em vista que tais matrizes curriculares, que sofreram alterações não somente em seu currículo, com mudanças no conteúdo, mudanças metodológicas e nos processos, mas também em suas carga horárias, com diminuição de aulas semanais ao longo do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Em consonância às mudanças ocasionadas pela instituição do Novo Ensino Médio e seus impactos junto a disciplina de Filosofia, e partindo do pressuposto de que torna-se cada vez mais importante e necessário o desenvolvimento de uma construção de um ensino-filosófico, defende-se e ressalta-se a necessidade da metodologia do ensino de Filosofia. Pois, este deve estar voltado para os indivíduos como um fomento para o exercício filosófico de si mesmo, e conseqüentemente de seu entorno.

1 METODOLOGIA

Se pudéssemos definir em uma única palavra, a razão ou o propósito da Filosofia, que palavra encarregaremos de tamanha responsabilidade? É possível iniciar esse debate instaurando o significado através do termo *conhecimento*, afinal, filosofia é a indagação, é o saber, é por si a busca incansável por conhecimento, é o processo reflexivo traçado assim pela procura não somente de respostas, mas também de perguntas, capazes de expressar significados e desenvolver em si a capacidade racional em cada ser humano.

Para evidenciar a origem da insegurança quanto à definição dessa palavra, e como isso influenciou no desenvolvimento dessa pesquisa, é preciso destacar um item decisivo: em certa ocasião, uma terceira pessoa, através de uma pergunta, despertou essa busca por um conceito, ou melhor, a busca por uma definição do que seja a filosofia. Essa pergunta está inscrita em um contexto ordinário, da vida cotidiana, e resume-se a: “o que é a Filosofia?”.

Naquele momento, diversas respostas poderiam ter sido elaboradas, porém, era necessário compreender todo o contexto por trás de tal pergunta. Talvez fosse prudente entender a ideia e a compreensão acerca do conhecimento: em virtude disso, outra pergunta foi feita, resumindo-se a “O que te recordas de ter estudado sobre filosofia no Ensino Médio?”. A pessoa respondeu, brevemente, que compreendia a Filosofia como sendo uma disciplina que estuda filósofos antigos e que não recordava-se sobre o que teria estudado, concluindo em sua resposta, que a Filosofia não era necessária.

Através desse questionamento e, principalmente, através dessa resposta, quer dizer, do modo como a presença da Filosofia se apresenta na educação básica, expresso nesse breve diálogo desta pessoa sobre seu contato com o componente em sua passagem pelo Ensino Médio, bem como a sua forma de ver e compreender a filosofia, diversos questionamentos ecoaram. Questionamentos como: de que maneira seria possível incentivar os estudantes a compreenderem o significado e a importância de tal disciplina? Que Filosofia é desenvolvida nas escolas e de que maneira é trabalhada em sala de aula? Qual a metodologia aplicada? A Filosofia pode ser usada como prática de vida?

Muito se fala da importância da filosofia junto às escolas, como disciplina capaz de gerar a autonomia e o pensamento crítico-reflexivo dos educandos. É notória a importância e permanência da disciplina na grade de ensino, porém, evidencia-se também com essas questões, o debate acerca da forma mais assertiva de ensinar a filosofia: seria a prática de ensino um mero repasse histórico acerca das compreensões de mundo estudadas e defendidas pelos filósofos? Ou deve o ensino de filosofia buscar o desenvolvimento de uma ação

pedagógica preocupada com uma metodologia de ensino e reflexão, que promova um modo propriamente filosófico de pensar?

Tais questionamentos serão desenvolvidos e debatidos ao longo dessa pesquisa, onde, através do desejo de compreender as características da filosofia e da sua metodologia de ensino junto ao Ensino Médio, surge esse projeto, que foi pensado e debatido coletivamente, após vivências em sala de aula. Ressalto que essas ocasiões só foram possíveis de serem analisadas e compreendidas após a participação no programa PIBID como bolsista na Escola de Educação Básica Lara Ribas, em Chapecó. Ainda, torna-se imprescindível evidenciar a jornada junto ao estágio, desenvolvida no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, campus São Carlos, bem como na Escola de Educação Básica Cardeal Arcoverde.

É possível afirmar que a observação da prática docente em tais programas e disciplinas, torna-se fundamental para a formação docente. Esses momentos são divisores de águas dentro do processo de desenvolvimento do estudante-professor, pois é através dessa rotina em sala de aula, bem como do acompanhamento da prática ministrada por um docente de filosofia no chão da escola, que enriquece-se o desenvolvimento dos futuros docentes de filosofia.

Aqui, faz-se necessário relembrar conversas com colegas de graduação, e a ansiedade aliada ao medo de ver-se dentro de sala de aula, ministrando um conteúdo carregado de reflexões e ideias. Esse conteúdo é visto durante toda a graduação, é repassado de forma intensa e embasada, e deve ser aperfeiçoado e ensinado de maneira simples e didática, para que possa ser pensado na atualidade, de maneira crítica, desenvolvendo no estudante a capacidade de descobrir-se, enquanto indivíduo humano e posteriormente indivíduo social.

1.1 Revisão Bibliográfica

Tendo em vista a abrangência de conteúdos e a necessidade de compreender as linhas de pesquisas existentes na área, foi realizada uma pesquisa junto a base de dados da CAPES, a qual, segue em tabela abaixo.

Título	Autor (a)	Ano	Tipo
De como deve ser tratada a questão do ensino de Filosofia	Alessandra da Silva Corrijo	2011	Artigo

Entre o exercício espiritual e a dissertação filosófica: A escrita no ensino de Filosofia no Ensino Médio	Loan dos Santos Medeiros	2019	Dissertação
Filosofia e fazer filosófico no Ensino Médio: ressonâncias e deslocamentos em Deleuze e Guatarri.	Francis Silva de Almeida	2016	Dissertação
O ensino de filosofia como experiência crítico-criativa do filosofar: limites e possibilidades	Valter Ferreira Rodrigues	2014	Tese

Ao longo da pesquisa realizada foram encontradas diversas teses e dissertações que abordam o tema proposto, e através da busca minuciosa e da análise de tais, foi possível destacar as principais fontes que servirão de base e darão direção ao desenvolvimento desse projeto.

Inicialmente, é de fundamental importância destacar o artigo elaborado por Alessandra da Silva Corrijo, sob título *De como deve ser tratada a questão do ensino de Filosofia*, que apresenta um resumo sintetizado da história da Filosofia junto à educação básica brasileira. Esse artigo problematiza questões ligadas ao ensino da disciplina e a relutância de profissionais em reconhecer a necessidade e a importância de se aplicar a inclusão de saberes didáticos e pedagógicos junto ao ensino e construção da Filosofia no Ensino Médio, ocasião em que se torna de extrema necessidade a construção de saberes e valores que constituirão indivíduo e sociedade.

A pesquisa desenvolvida por Loan dos Santos Medeiros, intitulada por *Entre o exercício espiritual e a dissertação filosófica: A escrita no ensino de Filosofia no Ensino Médio*, em síntese, tratará sobre a prática da escrita e análise das aulas de Filosofia,

destacando tal método como um processo de desenvolvimento do exercício espiritual do estudante, como aborda Pierre Hadot, Michel Foucault e Platão. A tese apresenta a defesa e a importância de pensarmos a Filosofia como a aproximação do exercício espiritual ativo, ao passo que desenvolve a análise da escrita e da sua importância junto ao ensino da disciplina.

Ao mais, a dissertação desenvolvida por Francis Silva de Almeida, no seguinte título: *Filosofia e fazer filosófico no ensino médio: ressonâncias e deslocamentos em Deleuze e Guatarri* que, diga-se de passagem, tem sido motivo de inspiração constante junto ao ensino e a prática docente da Filosofia em minha trajetória enquanto professora de Filosofia. Pois é nessa prática que sente-se na pele, e no espírito, a tentativa constante de imersão dos estudantes na busca contínua do saber e na inquietação das dúvidas que permeiam esse ensino. É válido sintetizar que tal pesquisa busca evidenciar os saberes produzidos na Filosofia e na docência, examinando os sentidos atribuídos pelos professores e a possibilidade de uma pedagogia do conceito.

Por fim, mas não menos importante, é preciso destacar a tese elaborada por Valter Ferreira Rodrigues, sob o nome *O ensino de filosofia como experiência crítico-criativa do filosofar: limites e possibilidades*. Nesta tese o autor considera o filosofar como uma experiência do pensamento, capaz de transformar o ser humano, seu agir e viver, bem com o meio no qual está inserido. Com essa visão, Rodrigues desenvolve sua pesquisa defendendo a ideia de que os estudantes devem ter contato com a filosofia teórica e prática. Na teoria, enquanto o exercício do filosofar e na prática, enquanto desenvolvimento pessoal do saber. Partindo disso, o autor apresenta sua pesquisa acerca da compreensão da Filosofia e do Filosofar junto ao Ensino Médio, como prática que pode ser constituída no desenvolver crítico e criativo do filosofar.

1.2 Objeto de Pesquisa

Conforme iniciou-se a discussão sobre o tema proposto na apresentação desta pesquisa, notou-se a evidente necessidade de discutir a prática envolvida no método de ensino inserido e desenvolvido pelos professores da disciplina de Filosofia, especificamente no Ensino Médio.

Compreendendo que atualmente essa disciplina é elencada enquanto obrigatória na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como a importância dessa disciplina junto ao currículo, inserem-se aliadas a BNCC, diversas competências e habilidades que devem ser desenvolvidas em sala de aula, dentro da grande área das Ciências Humanas, que aqui se

destaca especificamente a disciplina de Filosofia.

Nota-se, junto ao documento, a ideia de que seria através das Ciências Humanas que ocorreria a formação dos estudantes enquanto indivíduos, onde utiliza-se como exemplo, a seguinte habilidade a ser desenvolvida: “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (BRASIL, 2018).

Assim, emergem questionamentos acerca da metodologia necessária para o desenvolvimento dessa habilidade supracitada. Da mesma forma, questiona-se sobre qual metodologia deve ser empregada no desenvolvimento de um ensino voltado para o indivíduo, visando garantir o autoconhecimento e, conseqüentemente, o conhecimento da sociedade que o cerca, em outras palavras, o desenvolvimento de um ensino dos valores morais, bem como normas de conduta e princípios éticos que embasam a convivência humana e social.

Ao passo em que surgem tais questionamentos, identifica-se a necessidade da elaboração de uma discussão voltada para a prática metodológica do ensino de Filosofia no Ensino Médio, a fim de investigar sobre o método utilizado junto à respectiva disciplina.

1.3 Problema da Pesquisa

Após elencar situações problemas acerca do desenvolvimento do pensamento e das questões que percorrem nesta pesquisa, torna-se imprescindível evidenciar em si, o problema principal enraizado junto a prática de ensino de Filosofia. É necessário assim, desenvolver uma linha de pensamento capaz de justificar tal apontamento.

Pois bem, trata-se de traçar métodos eficientes para a prática metodológica de ensino de Filosofia, investigando de que forma se dá o repasse de conteúdo e quais critérios são utilizados para cumprir as competências estabelecidas. Sabe-se que a Filosofia vai além do mero vislumbre da sabedoria, e tal prática reflexiva não deve apenas ser ensinada, mas sim experienciada e desenvolvida, estando presente junto a história evolutiva de cada indivíduo, assim determinando seus valores, princípios e ações.

E então, definir de que maneira deve-se realizar o ensino de Filosofia, tendo como pressuposto a necessidade de tornar esse ensino não apenas mera disciplina escolar, mas sim, uma prática reflexiva-crítica que servirá, de fato, como suporte para a constituição do ser junto ao convívio social, e que, persistirá durante toda a trajetória de sua existência.

Tendo como base as vivências pessoais, bem como a prática docente na sala de aula, compreende-se a necessidade de avançar nas pesquisas de cunho didático dessa disciplina,

pois, evidencia-se a total importância de um método capaz de abranger a prática filosófica e o ensino de adolescentes, tornando essa experiência muito mais participativa e acolhedora.

É necessário, ainda, promover o ensino de Filosofia não apenas enquanto história de seus filósofos, mas como prática de vida, que possa ser pensada de maneira a auxiliar o desenvolvimento pessoal de cada estudante e que seja capaz, realmente, de acolher e dar sentido às vivências cotidianas desses, tornando-os assim, críticos e participativos, através de suas próprias realidades. E dessa forma, garantindo que sejam não somente conhecedores das teorias que envolvem essa disciplina, mas que sejam, acima de tudo, usuários do pensamento filosófico, tornando-os capazes de terem uma postura filosófica frente à sociedade.

1.4 Pergunta da Pesquisa

A partir de todas as problemáticas levantadas até agora, torna-se assim necessário elaborar um questionamento principal acerca do ensino de filosofia e suas práticas metodológicas de ensino, pois percebe-se que através desse questionamento será possível nortear o centro temático desta pesquisa, levando em consideração os pressupostos já expostos até o momento.

Esse questionamento principal, derivado de todos os pressupostos já mencionados, poderia ser elucidado da seguinte forma: existe um método de ensino filosófico capaz de desenvolver o raciocínio lógico e o pensamento filosófico, e caso exista, de que maneira os professores devem realizá-lo, visando um ensino verdadeiramente influente?

1.5 Especificamente

Ampliando esse questionamento, poderíamos acrescentar: é possível desenvolver a vivência filosófica em sala de aula? Existe um método de ensino já utilizado ao longo da história? Qual seria tal método e como poderia ser desenvolvido na atualidade? De que maneira professores de Filosofia poderiam incrementar suas práticas de ensino e como fazer isso? O método de ensino, enquanto didática, pode ser autenticado dentro do ensino filosófico?

1.6 Objetivo Geral

Torna-se evidente a necessidade de pensar e debater as práticas envolvidas ao ensino de Filosofia junto ao Ensino Médio, sendo nos critérios metodológicos de ensino e pesquisa,

sendo nas práticas pedagógicas docentes que permeiam essa rede de ensino, que devem ser pensadas em um caráter filosófico capaz de suprir as demandas expostas junto a BNCC. Além disso, evidencia-se a importância de desenvolver um currículo filosófico não apenas histórico, mas reflexivo crítico que sirva como base para o desenvolvimento pessoal de cada estudante.

1.8 Objetivos Específicos

É necessário, assim, debater não somente o currículo e os objetivos de tal disciplina, mas também as práticas pedagógicas envolvidas ao ensino da Filosofia e a ligação que o método de ensino do (a) professor (a), estabelecerá com o pensamento filosófico e o desenvolvimento de tal prática. Tornando-se desta maneira necessária a evidência de um método de ensino voltado para o desenvolver do saber filosófico crítico e participativo junto ao ensino.

1.9 Justificação

Na visão inicial do aluno, ao deparar-se com a filosofia, define e compreende essa disciplina como apenas “mais uma” necessária para cumprir currículo e formar-se. Porém, ao apresentar questões provocativas próprias da prática filosófica, é notória a participação e o envolvimento dos estudantes, na busca por espaço de fala e de escuta. Sabe-se que a Filosofia, fazendo parte da grade de disciplinas que compõem a área das Ciências Humanas, está atrelada às práticas diárias envolvidas dentro de uma sociedade, cultura e, mais propriamente, do ser humano, dentro de seus sentimentos, emoções, medos, angústias, desenvolvendo problemas e estipulando respostas acerca de sua existência, forma de vida e costumes.

Atrelado às vivências e interesses pessoais, é possível estabelecer apontamentos e métodos de ensino baseados na realidade de cada estudante, onde através de uma prática didática seria possível desenvolver em sala de aula o pensamento filosófico de maneira contínua e intensa, associada a realidade do estudante em si. Assim, torna-se necessário pensar em um método capaz de atribuir à filosofia, a sua prática de ensino, pressupostos capazes de nutrir e incentivar a busca pelo conhecimento verdadeiro e contínuo.

Sabemos que dentre as especificidades que distinguem o ser humano dos demais animais, está o pensamento reflexivo, capacidade essa que está a milhares de anos, atrelada ao desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano e aliado a isso, o desenvolvimento das sociedades.

1.10 Quadro Teórico

Um autor fundamental para esta pesquisa é Pierre Hadot, que nasceu em Paris, em 21/02/1922 e foi um filósofo, historiador e filólogo. Em síntese, o autor aborda a ideia da filosofia como um modo de vida, atribuindo ao termo "Exercício Espiritual" um significado filosófico e não religioso, termo este que poderia ser apresentado, de modo bastante resumido, como uma prática pessoal de cada indivíduo, destinada a motivar e provocar a transformação do "eu".

Hadot possui diversas obras publicadas, porém neste trabalho delimitaremos seus estudos a duas obras principais, a primeira sendo "Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga", elaborada através de uma coletânea de ensaios, artigos e conferências, publicado por Hadot em 1993, e a segunda, trata-se do livro "O que é a Filosofia Antiga" lançado por Pierre Hadot em 1995.

Assim, torna-se necessário evidenciar que esta pesquisa possui caráter bibliográfico, onde serão utilizados documentos já elaborados, constituindo-se, desta maneira, através de teses, dissertações e livros. Ainda, possuirá caráter documental, onde será necessário utilizar fontes primárias, como questionamentos e textos que serão analisados e desenvolvidos durante a pesquisa. A investigação é de cunho hermenêutico, realizando a interpretação e o estudo dos textos e dos sentidos vinculados aos discursos estabelecidos.

2 RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Ao adentrar no debate sobre a Filosofia e suas características junto à educação e ao Ensino Médio brasileiro, torna-se necessária a busca por sua história no decorrer do desenvolvimento do ensino e da educação no Brasil, processo que constituiu a Filosofia e estabeleceu suas ligações e métodos, bem como suas práticas de ensino e reflexão.

Conforme cita Cerqueira (2011), a ideia de Filosofia no Brasil leva-nos à reforma da universidade portuguesa do século XVI, onde em 1555, o rei D. João III passou aos jesuítas o Colégio das Artes, destinado ao ensino de latinidade e filosofia. A partir dessa medida, os jesuítas assumiram o controle da instrução pública no reino de Portugal. Essa introdução torna-se necessária para compreensão dos motivos pelos quais o ensino de filosofia no Brasil Colônia constituiu-se sob a vigência do *Ratio Studiorum*¹, método instaurado pela Companhia de Jesus, ordem religiosa da Igreja Católica, que em suma, estabelece as diretrizes do ensino no Brasil, que foi constituído por um ensino religioso.

Na época, o Brasil era colônia de Portugal e, portanto, reproduzia todo o modelo político, econômico e educacional da corte, onde os jesuítas encarregados pela instrução e catequização de índios brasileiros, escravos e colonos. Seu método, conforme já destacado acima, da *Ratio Studiorum*, regulamentava a prática pedagógica dos jesuítas. Nessa prática, como destaca Santos (2017), a Filosofia era repassada e ensinada nos cursos de instrução superior, destinados apenas aos senhores de colônias, fazendeiros, dentre outras figuras públicas que detinham renda e influência na época, enquanto os escravos e índios, bem como demais integrantes da população, não possuíam acesso algum a tais métodos educativos. Esse método jesuítico era o que seria, essencialmente, o curso de Teologia e Filosofia.

É válido e necessário, destacar que durante esse período a Filosofia repassada em sala de aula se dava basicamente através das teorias desenvolvidas pelos filósofos Aristóteles, São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Dessa forma, não eram estudadas todas as vertentes e pensamentos construídos até a época por demais filósofos, mas apenas as ideias e teorias que justificavam e embasavam a perspectiva defendida pela Igreja Católica: “A Filosofia possuía somente um caráter propedêutico e livresco, servindo exclusivamente aos interesses da classe dominante, assumindo, outrossim, um caráter diverso do realmente afeto à

¹ “Conjunto de normas didáticas para os professores da ordem, criadas entre os anos de 1560 e 1599, que tinham o objetivo de transportar o estudante para um ambiente diferente daquele em que nascera, levando-o a emergir, inclusive fazendo-o utilizar sistematicamente o latim, em uma cultura depurada da Antigüidade clássica, de modo a moldar o “bom cristão”, preparando-o para a vida em sociedade e para o sacerdócio ao mesmo tempo” (SANTOS apud BARBOSA, 2005, p. 23).

Filosofia, qual seja, tornar o pensamento humano autônomo incentivar a reflexão crítica” (SANTOS, 2017).

A ideia de uma Filosofia Brasileira ganha força e nacionalidade a partir do século XIX, em consonância a um processo de aceitação da filosofia moderna e emancipação do uso teórico do saber filosófico. Destaca-se nesse período, conforme elencado por Cerqueira (2011), o nome de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811 - 1882), como quem concede uma reviravolta no modo de pensar e de se fazer filosofia no Brasil.

De fato, porém, no processo de educação e filosofia durante o Império, o ensino escolar no Brasil não teve grandes mudanças. Entretanto, após a declaração de independência do país, passam a existir dois meios estruturantes da educação no Brasil, conforme cita Santos (2017): o campo estatal - sendo este secular, e o campo particular, de cunho religioso e secular. Durante esse período, a Filosofia esteve presente na escola, bem como na faculdade, porém, seguindo uma linha teológica e do direito.

É no período republicano, no viés educacional, que Benjamin Constant empreende uma reforma educacional, através do decreto nº 981, de 8 de novembro de 1890, introduzindo assim, somente disciplinas científicas junto a rede de ensino. Conforme cita Santos (2017), a partir deste momento, o Estado assume a educação escolar pública e laica, e a Filosofia desaparece do currículo escolar.

Mais tarde, é introduzida uma nova reforma educacional, em 1898, na qual se reintroduz a filosofia no currículo, sob a abordagem da história da filosofia. Porém, em 1899, durante o governo de Campos Salles, através do decreto nº 3251, de 08 de abril de 1899, é instaurado outro regulamento que substitui a história da filosofia pela lógica. Depois, no ano de 1901, conforme cita Santos (2017), a filosofia é incluída junto ao ensino através da reforma de Epitácio Pessoa, e entre 1910 e 1914, é removida novamente do currículo educacional. E em 1915, através da reforma de Carlos Maximiliano fica definida a obrigatoriedade das disciplinas como português, francês e história do Brasil, e a Filosofia é inserida de forma facultativa junto ao currículo.

Com o golpe de 1930, instaurou-se condições para a implementação de um capitalismo industrial, visando desenvolver a mão de obra. Já no que diz respeito à educação, conforme relatado por Santos (2017, p. 178), desenvolveu-se a frequência obrigatória, junto ao estudo, de um ensino voltado para a enciclopédia. Ao mais, no que diz respeito a Filosofia, esta passa a ser ensinada como complementação, com ênfase na história e na lógica.

Após a Reforma de Capanema, em 1942, através da primeira Lei de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional, nº 4.024/61, a disciplina de Filosofia surge como componente complementar, ficando a critério dos Conselhos Estaduais sua permanência ou não no currículo escolar. Assim, através da instauração desta lei, o ensino de filosofia tornou-se apenas uma disciplina optativa aos estudantes, que passaram a priorizar disciplinas obrigatórias para aprovação em vestibulares da época, e a filosofia não estava entre essas disciplinas.

Mais tarde, durante o Regime Militar (1964), a Filosofia, que até o momento era disciplina optativa, passa, mais uma vez, a ser retirada do currículo escolar. No ano de 1968 a Filosofia é excluída completamente do currículo, pois era considerada pelos militares não como uma disciplina sem relevância, mas sim como um saber que, de modo geral, poderia gerar revolta social, como explica Andrade baseado em Santos e Alves:

O fato novo, inusitado, na atitude dos Governos Militares, é que, enquanto nos períodos anteriores se postulava a retirada da filosofia do currículo por ela ser considerada conservadora e identificada com o ideário clerical, monárquico, contra o qual se fundou a República Brasileira; os Militares a retiravam por ser subversiva, devido ao seu potencial revolucionário, isto é, por insuflar as massas (de estudantes) contra o “Regime” em vigência naquele tempo. (ANDRADE, 2008, p. 05).

Foi somente através da promulgação de uma nova constituição após o regime militar, quando uma nova lei educacional foi elaborada, onde no ano de 1988 através do Projeto de Lei nº 1258/88, em seu art. 48, propunha que as disciplinas de Filosofia e Sociologia passassem a ser disciplinas obrigatórias no ensino médio. Porém, tal documento não garantiu essa obrigatoriedade, apenas propôs, sendo que o projeto foi reformulado por diversas vezes e enviado apenas em 1994 para aprovação no Senado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 não apresentou nenhum parágrafo assegurando a obrigatoriedade do ensino de Filosofia. No entanto, o documento propõe na seção IV, artigo 36, inciso III que ao final do ensino médio o educando demonstre: “domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania” (SANTOS, 2017, p.8)

No ano de 2002, foi publicado pelo Ministério da Educação, o documento PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares. Observou-se neste documento, conforme cita Gallo (2012), a estruturação de uma crítica no que diz respeito às competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes junto ao ensino de Filosofia. O documento, em síntese, passaria a delimitar as especificidades da Filosofia, apontando assim elementos necessários para o desenvolvimento da disciplina, aos quais seriam: tematização de conceitos, discussão dos fins da razão humana e visão globalizante.

É válido mencionar que, junto a ação pedagógica, o documento apresenta conceitos que estruturam a Filosofia como disciplina, ou seja, o ser, o conhecimento e a ação. Esses

conceitos, deveriam estar em articulação com as competências e habilidades apresentadas no PCN, e deveriam ser desenvolvidas em conexão com os demais conteúdos, sendo relativos a cada conceito estruturador, quais sejam: relações de poder e democracia; a construção do sujeito moral; e o que é Filosofia. (GALLO, 2012)

Mais tarde, no ano de 2006, foi lançado um novo documento com as “Orientações Curriculares para o Ensino Médio”, que apresentou um capítulo sobre a Filosofia, atrelada a ciências humanas. Esse documento enfatiza a necessidade de inserir a Filosofia como disciplina obrigatória na grade curricular do Ensino Médio. Nesse texto é questionada a contribuição da filosofia e estabelece que:

Não se trata, portanto, de a Filosofia vir a ocupar um espaço crítico que se teria perdido sem ela, permitindo-se mesmo um questionamento acerca de sua competência em conferir tal capacidade ao aluno. Da mesma maneira, não se pode esperar da Filosofia o cumprimento de papéis anteriormente desempenhados por disciplinas como Educação Moral e Cívica, assim como não é papel da Filosofia suprir eventual carência de um “lado humanístico” na formação dos estudantes. A pergunta que se coloca é: qual a contribuição específica da Filosofia em relação ao exercício da cidadania para essa etapa da formação? A resposta a essa questão destaca o papel peculiar da filosofia no desenvolvimento da competência geral de fala, leitura e escrita – competência aqui compreendida de um modo bastante especial e ligada à natureza argumentativa da Filosofia e à sua tradição histórica. Cabe, então, especificamente à Filosofia a capacidade de análise, de reconstrução racional e de crítica, a partir da compreensão de que tomar posições diante de textos propostos de qualquer tipo (tanto textos filosóficos quanto textos não filosóficos e formações discursivas não explicitadas em textos) e emitir opiniões acerca deles é um pressuposto indispensável para o exercício da cidadania (BRASIL, 2006, p. 26).

O ensino de Filosofia destacado neste documento insere, como foco, a prática de ensino junto a formação do indivíduo enquanto sujeito social, e demonstra a Filosofia como disciplina destaque para essa formação. Assim, o documento elenca, em linhas gerais, a necessidade de atribuir ao ensino de Filosofia, não somente opiniões desconexas, mas sim, conhecimentos que devem ser vivos, constatados e adquiridos como apoio para a vida social do estudante (BRASIL, 2006, p. 27).

Percebe-se, com esses documentos, conforme destaca Silvio Gallo (2012), a ideia de instaurar através da Filosofia o ensino do cidadão, ou seja, instaurar a formação do indivíduo para atuar junto à sociedade, demonstrando valores sociais. Em síntese, é possível afirmar que as intenções desses documentos é inserir a Filosofia no ensino, como uma possível estratégia governamental, pensada e instaurada com o intuito de formar cidadãos para conviver em sociedade e seguir o modelo de gestão.

Finalmente, no ano de 2008, através da Lei n 11.684, a Filosofia, em conjunto com a Sociologia, passa a ser incluída como disciplina de cunho obrigatório no currículo formativo

do Ensino Médio. De acordo com o Ministério da Educação (MEC), tal legislação deu força de lei ao Parecer de nº 38/2006, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que tornava obrigatória a inclusão de filosofia no Ensino Médio sem estabelecer, no entanto, em que série deveriam ser implantadas.

Durante os anos de 2008 a 2016, a Filosofia insere-se no currículo brasileiro e institui-se enquanto disciplina obrigatória junto ao modelo de Ensino Médio, ao passo em que constitui-se enquanto área do saber. Durante esse período, são instaurados alguns documentos e ações necessárias para o desenvolvimento do ensino em nosso país. Em 2015 é disponibilizada a primeira versão da BNCC e no ano de 2016 publica-se a segunda versão do documento, já no ano de 2017 o Ministério da Educação efetuou a entrega da versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), primeiramente com as diretrizes para o ensino fundamental. A partir desse momento, iniciou-se a adequação dos currículos escolares a nível nacional e somente no ano de 2018 o Ministério de Educação (MEC) apresentou a publicação da terceira versão da BNCC, que passaria a incluir assim o Ensino Médio.

Concomitantemente, no ano de 2017, o governo lançou o plano para implantação do “Novo Ensino Médio” (Lei nº 13.415/2017) que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e desenvolveu mudanças na estrutura do Ensino Médio. Assim, no que tange a disciplina de Filosofia, ocorrem grandes mudanças que devem aqui ser evidenciadas. Inicialmente, destaca-se a integração das disciplinas por áreas de conhecimento, as quais dividem-se em: Linguagens e suas Tecnologias (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa); Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química); Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia) e Matemática (BRASIL, 2018).

A partir deste documento, e da aplicação do novo Ensino Médio nas escolas, a disciplina de Filosofia, assim como as demais disciplinas, passam a fazer parte de uma área do conhecimento, e, como visto, a filosofia passa a ser inserida no núcleo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nessa divisão de núcleos curriculares, surge uma nova maneira de ensinar. A partir da implementação da nova BNCC, busca-se considerar no ensino, algumas competências e habilidades a serem desenvolvidas com os estudantes. Esse trabalho se inicia na educação infantil e finda-se no Ensino Médio, e é através dessa nova formação e desenvolvimento das disciplinas que surge o ideal de constituição de um indivíduo integral.

Enquanto documento, a BNCC (2018) apresenta dez competências que devem ser desenvolvidas e trabalhadas junto a todas as áreas do conhecimento ao longo da formação do

estudante, e possuem como intuito definir o que deve ser compreendido por eles durante essa formação. Cabe aqui apresentar as dez competências: 1. Conhecimento; 2. Pensamento Científico, Crítico e Criativo; 3. Repertório Cultural; 4. Comunicação; 5. Cultura digital; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação; 10. Responsabilidade e Cidadania.

Nesse documento, ainda, são evidentes inúmeras habilidades que conduzem a área das Ciências Humanas, que devem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar, visando o pleno conhecimento dos estudantes acerca dos conteúdos trabalhados. Tais habilidades estão dispostas no documento base e variam de acordo com a disciplina. Por vezes, a habilidade diz respeito somente à uma área do conhecimento, por outras vezes, a mesma habilidade pode ser trabalhada em diversas disciplinas concomitantemente.

Assim, de maneira prática, e partindo do pressuposto que daremos enfoque a área voltada para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mais precisamente a disciplina de Filosofia, percebe-se a obrigatoriedade da união das disciplinas que fazem parte dessa área do saber, ou seja, da Filosofia, Geografia, História e Sociologia. O planejamento das aulas, conteúdos e metodologias, precisam, a partir da instauração da nova BNCC, desenvolver o conteúdo de maneira interligada. Ademais, precisam dialogar com as demais áreas do conhecimento, visando promover um ensino de maneira integral e participativa. E isso é o que denominamos de planejamento interdisciplinar.

Lamentavelmente, a disciplina de Filosofia, integrante da área de Ciências Humanas, perdeu não somente em carga horária semanal, mas também ao longo de toda a formação dos estudantes. De acordo com essa reformulação, os alunos poderão escolher, e se ocupar com essas escolhas, sobre quais caminhos irão seguir, podendo optar por trilhas de aprofundamento, que serão escolhidas de acordo com a área de preferência do estudante, ou ainda, podem preferir trilhas de capacitação profissionalizante.

Tal situação, a saber, do processo histórico de constituição do ensino de Filosofia no Brasil, evidencia a desvalidação histórica dessa disciplina, que vem sofrendo alterações de carga horária e de conteúdo, comprometendo a construção do currículo e do plano de trabalho junto às escolas.

É possível justificar essa afirmação citando o seguinte exemplo prático: no currículo anterior, a Filosofia possuía duas aulas semanais no primeiro ano, assim como no segundo e no terceiro ano. Agora, com a mudança da BNCC, o estudante passa a ter duas aulas de Filosofia por semana, no primeiro ano, e posterior a isso, dependendo da trilha de

aprofundamento que o educando queira seguir, passa a ter apenas uma aula de Filosofia no segundo ano e uma aula, por semana, no terceiro ano. É válido destacar que tal alteração não acontece somente com a disciplina de Filosofia, mas em todas as demais disciplinas, que sofreram alterações na carga horária.

Ademais, além da alteração já mencionada, o ensino e o conteúdo também sofreram alterações: se antes o profissional docente poderia efetuar o aprofundamento dos conteúdos, agora não é mais possível. Isso porque, além da mudança na carga horária, deve-se priorizar o ensino baseado na habilidade. Mas, o que isso significa na prática? Significa que antes de pensar no conteúdo a ser trabalhado, o educador precisará identificar a habilidade a ser desenvolvida junto aos estudantes.

Tais habilidades, devem ser identificadas e desenvolvidas pelos professores dentro das áreas de conhecimento, onde a partir de uma ideia pré-determinada, passa-se então a focar não mais em conteúdos, mas sim em habilidades necessárias para a formação do estudante em questão. É importante destacar que a partir deste ideal, cabe ao professor identificar os conteúdos que julgar necessário, embasando-o de acordo com sua formação, contexto social, cultura e conteúdo programado.

As alterações causadas na metodologia de ensino a partir da nova BNCC e do Novo Ensino Médio, já não são mais voltadas para o desenvolvimento de conteúdos e conceitos, mas sim para o desenvolvimento de habilidades e competências do estudante enquanto indivíduo. Neste sentido, apresenta-se a necessidade de discussões e debates sobre o ensino da disciplina de Filosofia.

Cientes das alterações que ocorrem na oferta do componente de filosofia, e demais disciplinas, e da necessidade de adequação às novas demandas educacionais, é preciso refletir sobre as razões que justificam a presença da Filosofia junto ao Ensino Médio, no que diz respeito a sua especificidade, história e papel formativo. Torna-se necessário reflexões frente às prioridades da disciplina no ensino e constituição de cada estudante, com relação à sua existência e na defesa do ato de filosofar enquanto método de conhecimento do ser.

Assim, percebe-se a iminência do debate e da construção de diálogos, através de perguntas, acerca do que deve-se priorizar junto a este ensino. Neste sentido, a Filosofia no Ensino Médio deve abster-se da construção moral do sujeito e priorizar apenas o ensino histórico de sua linha de pensamento e de seus pensadores, ou deve desenvolver a construção do processo de filosofar inerente ao ser de maneira íntegra e questionadora? Ainda, visto que o processo educacional engrandece o ser humano, então a Filosofia se faz necessária enquanto

meio principal para o exercício de se alcançar um indivíduo enquanto ser?

Conforme cita Aspis & Gallo (2009) é necessário intermediar junto ao ensino de Filosofia a experiência filosófica e, através desse prelúdio, estabelecer e identificar os critérios para delimitação do que e do como ensinar não somente a filosofia, mas o filosofar. Ou seja, ao adentrarmos na discussão acerca das práticas necessárias para a construção do filosofar e da Filosofia enquanto determinante desse processo humano, torna-se evidente a necessidade de desenvolver ações para promover essa forma de pensamento dentro do ensino de Filosofia.

Porém, antes de realizarmos esse aprofundamento, é importante destacar a importância da estruturação e do objetivo iminente ao ensino do filosofar e da Filosofia, a saber, que ambos estão intrinsecamente ligados, porém são contingentes. Esse argumento se mostra válido partindo da ideia de que o (a) professor (a) de Filosofia pode abster-se da prática da reflexão filosófica e focar apenas no ensino da Filosofia enquanto sua história, de modo não filosófico, e ao fazer uso dessa metodologia, conseqüentemente, estaria desviando-se da prática reflexiva necessária para o desenvolver do filosofar.

É necessário ressaltar que ao defender essa ideia, não existe a argumentação de que o professor não deve efetuar o resgate histórico junto a disciplina, pelo contrário, tal procedimento é fundamental para a conceituação das teorias desenvolvidas pelos filósofos. Pois essa metodologia desenvolve uma produção educacional acerca do processo reflexivo desenvolvido pelos filósofos ao longo da história. Assim, não deve sintetizar-se apenas a reprodução histórica, mas deve apropriar-se, fundamentalmente do discurso filosófico e da prática reflexiva.

Conforme cita Aspis & Gallo (2009, p. 18) não se pode cogitar que o incentivo aos estudantes para que efetuem a prática do pensamento autônomo e do método de filosofar, seja desvinculado da necessidade da compreensão acerca dos pensamentos críticos da Filosofia, bem como de seus conceitos, problemas e métodos. Portanto, faz-se necessário elucidar que não é possível desvincular o filosofar da filosofia, uma vez que as duas coisas estão intrinsecamente ligadas.

A questão que permeia a defesa desse argumento é, primeira e principalmente, a questão do método utilizado. Em suma, de que forma desenvolver uma metodologia para o ensino da filosofia e do filosofar, que esteja conectada ao cotidiano dos estudantes e que faça sentido para os mesmos? Através de tais elucidações, surgem dúvidas acerca do por que se pensar em uma Filosofia junto ao Ensino Médio e, mais precisamente, por que a defesa do

desenvolvimento de uma metodologia do ensino dessa disciplina? A filosofia é, acima de tudo, a construção sobre o conhecimento de si e do outro. Porém, aqui é necessário evidenciar que tal conhecimento não poderá ser desenvolvido por qualquer ensino de Filosofia.

Alguém poderia objetar: mas só pensamos através da Filosofia? Claro que não pensamos - ou ao menos deveríamos pensar - em todas as aulas, seja de que disciplina for. Mas cada disciplina tem suas características próprias e contribui para desenvolver habilidades específicas de pensamento. No caso da Filosofia, seu diferencial é que ela oportuniza um pensar sobre o próprio pensamento. A filosofia desnatura nosso pensamento cotidiano, fazendo com que nós o coloquemos sob suspeita, interrogação (ASPIS & GALLO, 2009, p. 43,).

Logo, é possível compreender a importância da Filosofia na educação, e a necessidade de debater sobre seu método de ensino. Assim, mais importante do que apenas garantir o ensino da Filosofia, é necessário também garantir o desenvolvimento de um currículo que valorize novas possibilidades de ação e pensamento, voltado para o intelecto e para a problematização de temas e conceitos.

3 O QUE É A METODOLOGIA E COMO PENSÁ-LA NO ENSINO DA FILOSOFIA?

Ao debater o termo “método” ou “metodologia” torna-se necessário, inicialmente, apresentar seu significado e aplicabilidade junto ao ensino. Metodologia deriva do termo latino *methodus* e significa, em síntese, caminho que deve ser percorrido para a realização de algo. Ou seja, ao apresentar e discutir o conceito de “método”, busca-se demonstrar o processo necessário para a obtenção de determinado resultado.

Adentrando no campo educacional da Filosofia, é necessário evidenciar como o desenvolvimento de um método pode ser utilizado nas práticas de ensino para produção do conhecimento, assim, torna-se necessário o debate acerca de uma metodologia do ensino que esteja voltada para o constante processo do filosofar.

Em consonância com a ideia exposta, será abordada, junto com o debate sobre o método de ensino da Filosofia e do Filosofar, a ideia defendida pelo filósofo Pierre Hadot, dando enfoque para os Exercícios Espirituais. De acordo com o autor, esses Exercícios Espirituais seriam justamente o método para se chegar a uma filosofia de conversão a si, que nos remete à filosofia antiga, bem como às reflexões desenvolvidas por Hadot sobre a filosofia de Sócrates. A Filosofia, entendida por Pierre Hadot, não resume-se apenas a uma disciplina ministrada em escolas ou faculdades. O autor defende a construção de uma filosofia como um modo de vida, como processo contínuo de conhecimento de si mesmo.

Para tanto, serão apresentadas e discutidas práticas metodológicas no ensino da Filosofia, e para isso é de fundamental importância lembrar o surgimento de tal, não como disciplina, mas como prática de vida. Essa filosofia primeira surge quando os homens começam a se perguntar sobre o significado da vida, da existência do universo, da essência e da verdade. Desde esse momento, conforme destacam Aspis e Gallo (2009, p. 12), a Filosofia coloca-se como a busca pela explicação do que, verdadeiramente, seriam as coisas.

Durante o período do desenvolvimento da pólis grega, houve o repasse e a fusão da tradição Grega para a cultura oriental, influenciando a disseminação do pensamento grego por diversos locais introduzindo na cultura da Grécia, novos conhecimentos. Nessa perspectiva filosófica, percebeu-se a instituição de diversas escolas filosóficas, as quais buscavam, em sua maioria, debater assuntos referentes à Ética e a Felicidade vinculadas à humanidade. Porém, a Filosofia como uma busca pela verdade e pelo conhecimento do ser humano por meio do questionamento, surge basicamente com a figura de Sócrates, 400 a.C - filósofo ateniense da Grécia Antiga. Para ele, as opiniões não seriam verdades, pois não resistem a diálogos críticos, quer dizer, não resistem ao exercício da dúvida. (ASPIS & GALLO, 2009, p. 13).

É nesse contexto histórico e filosófico em que aprofundaremos o debate acerca da metodologia, com fundamentação na figura de Sócrates, conhecido como “o pai da Filosofia”. Ao falarmos nesse importante filósofo é imprescindível a necessidade de fazer uma breve introdução sobre sua filosofia. Conforme cita Hadot (2014, p. 65), Sócrates repete que nada sabe e que nada poderia ensinar aos outros e indica, desta maneira, a ideia de que cada indivíduo deveria pensar por si mesmo, buscando, deste modo, a verdade como um exercício do conhecimento.

Neste sentido, Sócrates introduz a necessidade do autoconhecimento, da prática reflexiva e questionativa junto às particularidades de cada pessoa, esboçando de que maneira o cuidado de si seria, da mesma forma, o cuidado com a cidade e, conseqüentemente, com o outro (Hadot, 2014, p. 67), sendo constituído, dessa maneira, não somente o indivíduo por si, mas também pelo outro e por sua cidade, ou seja, constitui o indivíduo social.

Dessa maneira, ao citar Sócrates, adentramos especificamente em seu método, conhecido como "Método Socrático". Esse método nos remete à prática utilizada pelo filósofo na busca e no intuito de ensinar. Tal método, buscaria despertar o sujeito, até então desconexo de sua interioridade, para o debate e para seu autoconhecimento, provocando o processo reflexivo individual.

Nada escreveu, contentou-se em dialogar. (...) Eterno questionador, Sócrates levava seus interlocutores, por hábeis interrogações, a reconhecer a ignorância deles. Ele os enchia assim de uma perturbação que os levava eventualmente a colocar em questão toda a sua vida. (HADOT. 2014, p. 95)

Através desse método, Sócrates instaura um ensino participativo onde coloca o indivíduo/estudante em posição capaz de perceber e desenvolver suas ideias, e conseqüentemente, chegar ao conhecimento. Sócrates apenas interroga o sujeito, e este coloca a si mesmo em questão, questionando-se frente a sua própria maneira de pensar, de defender e agir. A essa prática, Sócrates daria o nome de maiêutica, do grego "*maieutiké*", que remota em seu significado o conceito de dar luz a novas ideias, ou seja, a prática questionativa que resultaria em uma nova maneira de pensar, ou de conhecer.

Junto dessa ideia de discurso e questionamento, o pensar filosófico não seria mais somente um fim, mas estaria então a serviço da prática e da vida filosófica. Onde, desta maneira, o ideal não seria somente o discurso, mas a ação e reação que esse discurso poderia gerar. Nesse sentido, adentrando na maiêutica socrática, Pierre Hadot ressalta:

Ele mesmo nada engendra, pois nada sabe; somente ajuda os outros a engendrar a si próprios. A maiêutica socrática inverte totalmente as relações entre mestre e discípulo, como bem viu Kierkegaard: Ser mestre não é martelar afirmações, nem dar lições para aprender etc.; ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa, quando tu, mestre aprendes com o discípulo, quando tu te instalas naquilo que ele compreendeu, na maneira como ele compreendeu. (HADOT, 2014. p. 103)

Ao identificar esse método socrático como exercício fundamental para o caminho do conhecimento, vale ressaltar a importância da ideia de autoconhecimento desenvolvido junto à filosofia de Sócrates, ou seja, a tomada de consciência por parte do indivíduo naquilo que lhe constitui enquanto ser, e como essa consciência gera grande influência no desenvolvimento pessoal e social.

No diálogo socrático, o interlocutor de Sócrates não aprende nada e Sócrates não tem a pretensão de lhe ensinar coisa alguma: ele repete, aliás, a quem quiser escutá-lo, que a única coisa que sabe é que nada sabe. Mas, como um travão incansável, Sócrates acossa seus interlocutores com questões que os colocam em questão, que os obrigam a prestar atenção a si mesmos, a ter cuidado consigo mesmos (HADOT, 2014. p. 37).

Hadot enfatiza, ainda, o método utilizado por Sócrates, ou seja, o método interrogativo e investigativo, que faz crescer no indivíduo uma inquietação pelo saber, a busca pelo aprofundamento no conhecimento. O método Socrático poderia ser explicado através da intenção de fazer nascer no outro aquilo que, para os estoícos, foi denominado de exame de consciência, que se traduz, resumidamente, na busca pelo progresso interior, iminente do ser humano. Tal filosofia, conforme cita Hadot (2014, p. 330) se identifica com a vida do próprio sujeito, a vida de um ser consciente de si mesmo, retificando sem cessar o seu pensamento e, conseqüentemente, a sua ação consciente, do seu lugar na humanidade e despertando a sensação de pertencimento no mundo.

Trata-se de fazer o leitor sentir seu erro, não o refutando diretamente, mas expondo a ele de tal modo que sua absurdidade lhe pareça claramente. (...) Sócrates, por suas hábeis questões, objetiva o eu de seus interlocutores, sem se reconhecer neles.” (HADOT, 2014, p. 98).

A partir disso, é possível desenvolver o pensamento sobre a importância do conhecimento em duas esferas, onde, inicialmente, torna-se necessário o debate sobre um método para o desenvolvimento do autoconhecimento, que só é desenvolvido através da subjetividade de cada indivíduo, e que pode ser encarado como um processo de análise

constante do eu, que parte do interesse do indivíduo. E por fim, o autoconhecimento como fator determinante para a constituição e desenvolvimento do indivíduo enquanto meio social.

Sócrates desdobra-se: há de um lado o Sócrates que sabe de antemão como vai terminar a discussão, mas há do outro lado o Sócrates que vai percorrer o caminho, todo o caminho dialético com seu interlocutor. Esse último não sabe onde Sócrates o conduz. Está aí a ironia. Sócrates, percorrendo o caminho com seu interlocutor, exige incessantemente um acordo total com seu parceiro. Tomando como ponto de partida a posição desse parceiro, ele o faz admitir pouco a pouco todas as consequências dessa posição. Exigindo a cada instante esse acordo, que é fundado sobre exigências racionais do Discurso sensato, do Logos, ele objetiva a trajetória em comum e conduz o interlocutor a reconhecer que sua posição inicial era contraditória (HADOT, 2014, p. 102)

Assim, Pierre Hadot demonstra o método socrático, pelo qual Sócrates conduzia seus interlocutores ao conhecimento que denominava como “verdadeiro”. Pode-se afirmar que o filósofo, enquanto penetrava propositalmente as especificidades de cada indivíduo e deixava-o confortável para falar e defender seus ideais, ia conduzindo, concomitantemente, o questionamento e a dúvida daquilo que o indivíduo considerava uma verdade.

Além disso, Hadot destaca a importância desse método, do caminho percorrido por Sócrates e seu interlocutor para se chegar a determinada objetificação, mesmo que aporética. Durante todo o discurso, o interlocutor exerce uma atividade espiritual, questionando e buscando explicações através do entendimento e da quebra de paradigmas. O método socrático objetiva fazer o espírito de seu interlocutor voltar-se sobre si mesmo. Hadot cita que, durante tal feito, o interlocutor se experimenta em sua atividade espiritual, ou seja, desenvolve em si o método interrogativo, colocando em questão o recuo de suas certezas, buscando a consciência de si.

O diálogo socrático aparece assim, portanto, como um exercício espiritual praticado em comum que convida ao exercício espiritual interior, isto é, ao exame de consciência, à atenção a si, em síntese, ao famoso "conhece-te a ti mesmo". Se o sentido original dessa fórmula é difícil de discernir, não é menos verdadeiro que ela convida a uma relação de si para consigo mesmo que constitui o fundamento de todo exercício espiritual. Conhecer-se a si mesmo é (...), conhecer-se em seu ser essencial.” (HADOT, 2014, p. 38).

Com isso, parece certo afirmar que a prática reflexiva como método de análise e desenvolvimento pessoal está intrinsecamente ligada à discussão filosófica, e Pierre Hadot evidencia, em seus escritos, a necessidade de instaurar métodos reflexivos, aos quais chama de exercícios espirituais. Tais exercícios devem ser encarados como uma prática, ou uma atividade, da qual percebe-se a necessidade de aplicabilidade dessa prática rotineiramente,

como um exercício diário.

O paralelismo entre exercício físico e exercício espiritual está subjacente aqui: do mesmo modo que, pela repetição de exercícios corporais, o atleta dá a seu corpo uma forma e uma força novas, por meio de exercícios espirituais o filósofo desenvolve sua força da alma, modifica seu clima interior, transforma sua visão do mundo e, finalmente, todo seu ser (HADOT, 2014, p. 56).

Nesse exemplo utilizado pelo autor, é notória a importância que se dá à prática e ao desenvolvimento dos exercícios espirituais. É necessário, ainda, destacar que esses exercícios devem ser desenvolvidos pacientemente, devendo buscar por evolução e autoconhecimento incessantemente, como uma atividade que perdurará por toda a vida.

A esse exercício, Pierre Hadot alega que o que lhe tornará válido, não seria a solução de um problema particular, mas sim o caminho percorrido para se chegar a essa solução, destacando que é durante o caminho percorrido pelo indivíduo que se dará a construção e formação de seu pensamento, tornando-se mais apto para descobrir por si mesmo a verdade.

Ainda, no que tange o conceito aplicado como espiritual, enfatiza-se que o termo não possui caráter religioso, logo, os exercícios espirituais defendidos por Hadot, não seriam uma prática religiosa. Em síntese, explica a necessidade de empregar tal termo, pois outros adjetivos como: moral, ético, do pensamento ou da alma, não cobririam todos os aspectos reais sob quais o autor deseja elucidar. O autor aponta que tal exercício não pode resumir-se apenas ao pensamento do indivíduo, mas que é dependente de todo o seu psiquismo.

Todo exercício espiritual, portanto, é fundamentalmente um retorno a si mesmo, que liberta o eu da alienação na qual as preocupações, as paixões, os desejos o haviam enredado. O eu assim liberto não é mais nossa individualidade egoísta e passional, é nossa personalidade moral, aberta a universalidade e a objetividade, participando da natureza ou do pensamento universal (HADOT, 2014, p. 57).

De maneira clara, o autor demonstra que tais exercícios seriam obra não somente do pensamento do indivíduo, mas também de todo o psiquismo. Ainda, exalta a importância de tais exercícios para revelar ao ser sua dimensão junto ao Todo, ao qual engloba-se não somente enquanto indivíduo dentro de suas subjetividades, mas como parte de um Todo, (“Eternizar-se ultrapassando-se”). (HADOT, 2014, p. 20). Aqui, demonstra-se uma visão natural acerca da realidade que cerca o indivíduo, colocando-o na perspectiva de uma natureza universal, de um ser que está integrado a um todo.

Assim, Pierre Hadot elucidava a importância e a finalidade desses exercícios, que seriam, em suma, o aperfeiçoamento de si mesmo, a realização individual. Os exercícios

espirituais deveriam ser empregados e destinados à formação de si. O autor complementa sua fala apresentando o termo *paideia*, que remonta a denominação do sistema de formação e educação de indivíduos, instaurado na Grécia Antiga, onde objetivava-se a formação e desenvolvimento do cidadão enquanto indivíduo.

Para Pierre Hadot, a *paideia* seria capaz de ensinar indivíduos a viver. Destaca: “[...] viver não em conformidade com os preconceitos humanos e com as convenções sociais, mas em conformidade com a natureza do homem que não é outra se não a razão” (HADOT, 2014, p. 56). Cada indivíduo teria então a possibilidade de modificar a si mesmo, de realizar-se através da sua razão.

Na medida em que ela é prática de exercícios espirituais, a vida filosófica é um desenraizamento da vida cotidiana: ela é uma conversão, uma mudança total de visão, de estilo de vida, de comportamento. (...) A prática dos exercícios espirituais implicava uma inversão total dos valores recebidos, para se voltar aos verdadeiros valores, a virtude, a contemplação, a simplicidade de vida, a simples felicidade de existir (HADOT, 2014, p. 58).

Com isso, exprime-se a ideia da necessidade de desenvolvimento do exercício espiritual como ação a ser praticada rotineiramente, junto às subjetividades de cada pessoa e às suas particularidades, e das suas vivências individuais. Afinal, conforme cita Hadot, não se compreenderá a justiça se o ser humano não a vive.

Toda realidade e toda prática social, ou do indivíduo, resume-se a sua definição e experimentação, assim, não basta apenas falar sobre a justiça, mas é necessário convidar o indivíduo a viver, de fato, essa justiça. O exemplo utilizado por Pierre Hadot através da Filosofia desenvolvida por Sócrates, exprime o objeto principal da presente pesquisa, a saber, do método filosófico, de investigação e reflexão.

Desta maneira, é possível traçarmos um paralelo entre a necessidade da experiência atrelada aos sentidos e as situações corriqueiras do cotidiano, e o desenvolvimento do filosofar. O estudante precisa da experiência enquanto ser, a experiência de vida, para que possa, de maneira íntegra, efetuar o seu desenvolvimento do processo filosófico enquanto ser. E esse desenvolvimento só será possível, através de uma dinâmica filosófica, junto de uma construção da Filosofia e do Filosofar.

Assim, através das ideias fundamentadas por Pierre Hadot, é possível traçar um paralelo entre a figura de Sócrates e o ideal de ensino aqui defendido. Para que se possa chegar a um conhecimento de si e o desenvolver de exercícios filosóficos, é necessário que cada pessoa esteja aberta para o processo reflexivo e disposta a buscar métodos para alcançar esses objetivos. Entende-se por essa ideia, quer dizer, pela necessidade de buscar o

autoconhecimento e pela inquietação do ser, o fazer constante da filosofia.

Através de experiência filosófica é possível traçar métodos reflexivos acerca das questões que permeiam cada indivíduo. Levando em consideração a experiência de vida de cada estudante-indivíduo, e a ideia de que cada pessoa em particular carrega teses, defesas e demais emaranhados sócio-culturais em suas práticas de vidas, parte-se do pressuposto de que é necessário se pensar no ensino de filosofia através das particularidades e das vivências de cada grupo e mais especificamente, de cada pessoa.

Conforme cita Aspis e Gallo (2009, p. 21), na busca pelo processo de filosofar e pelo desenvolvimento de uma metodologia aplicada ao ensino do filosofar e da Filosofia, existem etapas que podem auxiliar no desenvolvimento desse processo. Tal ideia, sintetiza-se na necessidade de, inicialmente, *sensibilizar* o estudante para que ele se sinta atraído por determinado conceito ou conteúdo. Após essa sensibilização, é necessário *problematizar* o conteúdo, ou as ideias apresentadas, para que o estudante se sinta motivado para buscar novos conhecimentos acerca do conteúdo, despertando a curiosidade do mesmo. Assim, inicia o processo de *investigação*, que, em síntese, desenvolve-se pela busca do estudante pelo conhecimento, com base no estudo dos textos filosóficos previamente escolhidos. Para que em seguida, ocorra a *conceituação* do tema proposto.

Esse método implica como ponto de partida a consciência do próprio estudante e da experiência filosófica, para que, com base nos conceitos e aprofundamentos da sala de aula, o estudante possa pensar por si próprio, através de suas realidades, de forma autônoma, desenvolvendo o exercício filosófico, dentro do contexto sob qual o estudante está inserido.

Além disso, Pierre Hadot também destaca exercícios, ou métodos, utilizados para se alcançar a prática reflexiva filosófica, ou seja, o exercício de si. Em síntese, esses exercícios perpassam a ideia de uma construção contínua acerca das reflexões do ser, que por sinal, se tivessem como principal objetivo seguir uma filosofia de vida, deveriam buscar o desenvolvimento da *askesis*, que sintetizaria a ideia do desenvolvimento espiritual, e arte do pensar e do filosofar, conhecida como *techné*.

Esses métodos, estão vinculados ao Exercício Espiritual e deveriam ser desenvolvidos para que fosse possível chegar ao conhecimento de si, verdadeiramente. Porém, tais práticas, não serão adentradas e debatidas de maneira profunda nesta ocasião, tendo em vista que a defesa principal baseia-se no Exercício Espiritual como método que possa ser desenvolvido no Ensino Médio, junto ao currículo de Filosofia.

Conforme cita Pierre Hadot, Sócrates possui desempenho de extrema relevância para

uma explicação assertiva dos métodos acima mencionados. Assim, Hadot remetendo-se à figura de Sócrates, e tendo por conhecimento os diálogos traçados por esse filósofo nos debates em que estava vinculado, é possível sugerir a aplicação desse método socrático juntamente com os estudantes. Segundo Hadot, essa aplicação poderia ocorrer através do discurso, do debate e da argumentação, incentivando os estudantes na busca por conceitos e respostas.

É possível afirmar que o método socrático, se aplicado e desenvolvido junto aos estudantes, e em consonância com o desenvolvimento de Exercícios Espirituais, ou, com os exercícios para conhecimento de si, desencadearia o processo necessário para o questionamento e o processo reflexivo, imprescindível e fundamentalmente importante para conviver em sociedade, mas acima de tudo, para compreender-se.

A ideia apresentada por Pierre Hadot e debatida ao longo dos capítulos anteriores, especialmente no capítulo acerca dos Exercícios Espirituais, possui fundamental importância enquanto prática de desenvolvimento do conhecimento do ser. Esses exercícios, são denominados precisamente enquanto exercícios, pois são uma prática cotidiana de trabalho sobre si mesmo, o que Pierre Hadot (2014, p. 9) chama de "ascese de si".

Logo, para se compreender e adequar os Exercícios Espirituais para a sala de aula, torna-se necessário o aprofundamento dessa ideia e o desenvolvimento da consciência, e, principalmente, é preciso entender a distinção essencial entre o discurso filosófico, que seria voltado para discussões da ética e da lógica, baseado na razão, e da própria filosofia, que pode ser encarada como um modo de vida, uma maneira de ser (HADOT. 2014, p. 10). Essas concepções afloram o entendimento da dimensão existencial e da prática desses exercícios, proporcionando ao indivíduo uma maneira de viver a filosofia e o processo filosófico.

Esses ideais, se debatidos e desenvolvidos junto às aulas de Filosofia, poderá surtir efeito no processo de análise do adolescente ou do jovem inserido no Ensino Médio, despertando seu interesse pelo ato reflexivo. E esse despertar para a reflexão é de fundamental importância, pois é isso que irá garantir no estudante a busca pelo filosofar, e em síntese, a busca pelo conhecimento.

Ainda, Pierre Hadot (2014, p. 8) evidencia que a leitura é uma atividade de formação e de transformação de si mesmo, logo, não se pode limitar o exercício espiritual a um único campo particular, esses exercícios possuem um alcance largo, e penetram inteira e verdadeiramente na vida de quem os executa. Hadot ressalta também que esse exercício pode gerar um "ideal" para constituir o pensamento filosófico e a imersão no contexto da filosofia

através de leituras e, concomitante a esse processo, o estímulo à prática reflexiva. E tanto a leitura, quanto o ato reflexivo são necessários para o desenvolvimento filosófico do ser.

É necessário, ainda, demonstrar que, ao defender essa teoria, Pierre Hadot retrata seu ideal acerca do discurso filosófico e da Filosofia, demonstrando que quando o discurso filosófico não está separado da vida filosófica, sendo um exercício de vida, ele desenvolve-se enquanto exercício legítimo e indispensável. Porém, ressalta que ao passo em que a Filosofia se torna simplesmente um discurso, ou propriamente uma disciplina a ser desenvolvida enquanto conteúdo livresco ou enciclopedista, sem estar interligado a um modo de vida filosófico, esta passa a ser apenas uma representação da Filosofia, reduzida a um conteúdo conceitual.

Nesse contexto, é possível debater acerca da inteira necessidade do desenvolvimento filosófico dentro do contexto do Ensino Médio. Não se trata apenas de incluir o conteúdo, mas sim de desenvolver o processo reflexivo, o pensamento e o conhecimento do ser. Nesse sentido, Pierre Hadot ressalta: “O que é, em última instância, o mais útil ao homem enquanto homem? É discorrer sobre a linguagem ou sobre o ser e o não ser? Não é, antes, aprender a viver uma vida humana?” (HADOT, 2014, p. 329).

Se retomarmos o debate acerca do contexto histórico, já apresentado e evidenciado nesta pesquisa, e por consequência debatido, é possível estabelecer uma relação entre o Exercício Espiritual enquanto prática filosófica e a desvalorização da Filosofia. À medida que, se tais métodos de exercício reflexivo fossem desenvolvidos e aplicados em sala de aula, como um meio para se alcançar o conhecimento do ser, então poderíamos quebrar paradigmas e demonstrar, em síntese, a importância da filosofia para o processo de constituição do indivíduo enquanto ser, e da relação desse desenvolvimento com o processo do filosofar.

Por fim, a filosofia, conforme cita Hadot (2014, p. 23) pode educar o ser humano para que busquemos alcançar apenas o bem que podemos obter, e, conseqüentemente, para que busquemos dessa maneira, evitar o mal. Filosofar, seria então um exercício do “viver”, um viver consciente de si e do outro, ultrapassando a individualidade e reconhecendo-se assim, como parte de um Todo.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa pesquisa, foi possível identificar, de maneira bastante clara, os desafios acerca do ensino de Filosofia no Brasil. É possível citar, por exemplo, a obrigatoriedade tardia dessa disciplina nos currículos escolares, a desvalorização da disciplina, a falta de organização de um currículo que introduza na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, conteúdos definidos a nível nacional, conforme temos em outras áreas do conhecimento. Da mesma maneira, é importante salientar a nítida tradição escolar e a crença cultural sobre uma suposta ineficiência da Filosofia enquanto prática do pensamento reflexivo, que contribuíram para os atrasos na incorporação dessa disciplina nas escolas.

Assim, evidencia-se a necessidade de instaurar e popularizar a discussão sobre a metodologia de um ensino de Filosofia, e também para formular o currículo da disciplina. E através disso, efetuando o total aprofundamento acerca do papel e função dessa disciplina no processo educacional brasileiro, desenvolvendo não apenas uma organização dos conceitos e conteúdos, mas também tornando a Filosofia acessível à comunidade no geral.

É imprescindível o desenvolvimento da experiência filosófica, através de aulas que façam sentido na realidade vivida pelos estudantes, dinamizando a experiência e consciência que envolvem o processo educacional filosófico. O ensino de Filosofia não pode resumir-se à tradução de conceitos, ao ensino histórico ou enciclopedista, como já mencionado, tal prática se faz necessária, mas deve ser apenas o fundamento para o desenvolvimento de práticas reflexivas e, sobretudo, filosóficas.

Contudo, demonstra-se o papel fundamental desempenhado pela Filosofia enquanto prática voltada para o desenvolvimento integral do ser enquanto ser, enquanto indivíduo social. Portanto, é necessário dar voz e vida à prática filosófica.

Diante de tudo isso, defende-se aqui, o acesso ao conhecimento filosófico de maneira assertiva, de modo que todas as pessoas possam desenvolver problematizações acerca de suas realidades. Afinal, a educação não transforma somente vidas, mas também a história que as envolve. Aqui, permanece a defesa da Educação, a qual seria uma utopia que almejo em meus sonhos mais intensos: Filosofia e Educação, aliadas, com o propósito de libertação das correntes que nos prendem à mais profunda e perigosa caverna, qual seja, a ignorância humana.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018

CERQUEIRA, Luiz Alberto. A ideia de Filosofia no Brasil. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 20, n. 39. 32 p, Març. 2011. Fundação Eng. Antonio de Almeida.

GALLO, Silvio. **Governamentalidade democrática e ensino de Filosofia no Brasil contemporâneo**. Cadernos de Pesquisa, v. 42, n. 145, p. 48-65, Abril 2012.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. 1 ed. São Paulo: Realizações, 2014. 368 p.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2014. 423 p. (Leituras Filosóficas).

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril, 1983. Coleção, Os pensadores.

SANTOS, Yvison Gomes. **A disciplina de Filosofia no Brasil desde os jesuítas até a LDB n. 9394/96: Perspectivas históricas**. Saberes, Natal, v. 1, n. 16, p. 171-185, 16 agosto. 2017.